

Filho único no Brasil

Morvan de Mello Moreira ¹

Wilson Fusco ²

Introdução

No espaço de menos de uma geração, entre 1985-2010, os níveis de fecundidade brasileira declinaram de patamares experimentados pelos países desenvolvidos nos anos pós-guerra para valores similares aos atuais de países como a Bélgica, Holanda, Suécia, Noruega, Austrália e o Reino Unido (UN, 2013).

Essa significativa queda da fecundidade no Brasil se dá no bojo das transformações sociais ocorridas nos últimos decênios, nas quais o empoderamento feminino transforma estilos de vida e valores da família, a que se somam custos de oportunidade de filhos ampliados pelas oportunidades abertas às mulheres, competitivas com a coabitação/reprodução, adicionados pela primazia de estilos de vida e aspirações que valorizam o bem estar e a realização pessoal. (ONU MULHERES, 2011, 2016)

Por ocasião da Pesquisa nacional sobre saúde materno-infantil e planejamento familiar – Brasil – 1986 – PNSMIPF, quando a taxa de fecundidade total estimada ascendia a 3,5 filhos por mulher, o número médio ideal de filhos apontado pelas mulheres brasileiras foi de 2,8. Das mulheres de 15 a 44 anos entrevistadas 40% indicaram dois como o ideal e outras 20% afirmaram ser três (BEMFAM, 1986). O desejo das mulheres brasileiras por menores números de filhos consolida-se abaixo de dois filhos tanto em 1996 (1,8 filhos) quanto em 2006 (1,6 filhos). Nesse período, ampliou o percentual de mulheres com adequação entre o número de filhos tidos e os desejados, a indicar um maior controle do processo reprodutivo, ainda que em escala menos acentuada entre as mulheres das classes mais vulneráveis. Mesmo entre essas mais vulneráveis, aquelas que têm acesso à contracepção (pílula/esterilização) são as que no período apresentam maiores incrementos na proporção de adequação entre filhos desejados e realizados (BRASIL, 2009). Miranda-Ribeiro (2004), em estudo contemplando as mulheres de Belo Horizonte e Recife, segundo níveis de escolaridade, encontrou que a fecundidade desejada situava-se abaixo do nível de reposição para todas elas (1,44 em Belo Horizonte; 1,36 em Recife), exceto as belo-horizontinas com menos de quatro anos de estudo (2,23 filhos). A similitude do número ideal de filhos igual ou abaixo de dois entre distintos grupos sociais é evidenciada em estudos como os da BEMFAM (1997); CAMARANO (1998); BDIANI, CAMARANO (1998); WONG (1998); MORELL, COUTO (2001); SILVA (2001); PIROTTA, SCHOR (2004); BERQUÓ, LIMA (2008); AMARAL, POTTER (2009); MIRANDA-RIBEIRO, POTTER (2010); CECATTI et al. (2010), entre outros.

Marcada pelo desejo por menor número de filhos, a queda da fecundidade observada no Brasil se deveu, em sua maior parcela, à drástica redução do número de filhos entre as mulheres de parturições mais altas, acompanhada, nos anos mais recentes, pelo aumento da proporção de

¹ Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco

² Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e Professor Colaborador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

mulheres nulíparas. Em termos da condição socioeconômica das mulheres, mensurada por meio do nível de escolaridade, MIRANDA-RIBEIRO; GARCIA (2012) mostram que a redução dos níveis de fecundidade, no período 1980/2010, foi mais acentuada entre a população de menor nível de escolaridade (menos de três anos de estudo), declinando de 5,87 filhos por mulher, em 1980, para 3,14, em 2010. Os autores também apontam que no intervalo, tanto a classe de quatro a sete anos de estudo (de forma oscilante), como a de 11 anos e mais (continua até o ano 2000, com aumento em 2010), tiveram redução nas suas taxas de fecundidade total. Apenas entre as mulheres de oito a dez anos de estudo a taxa de fecundidade total cresceu de forma bastante modesta ao longo desses trinta anos, passando de 2,25 filhos por mulher, em 1980, para 2,53, em 2010.

O significativo incremento nos níveis de escolaridade feminina nas últimas décadas, com o crescente número de mulheres a concluir o ensino médio e uma fração expressiva das mesmas adentrando/concluindo o nível superior, pavimenta o declínio da fecundidade brasileira para os baixos níveis dos países europeus avançados. O aumento da escolaridade das novas gerações, socializadas em um ambiente de baixos níveis de fecundidade, sugerem a continuidade da redução dos níveis da fecundidade brasileira, na direção de um ou dois filhos como a fecundidade realizada pela maior fração de mulheres em idades reprodutivas.

Ainda que não seja possível estabelecer de forma segura como característica futura de parcela expressiva da população brasileira o filho único, tendo em conta o alto valor social da maternidade no país e a norma de pelo menos dois filhos, é objetivo deste trabalho, com base nos resultados censitários, analisar a trajetória das frações de mulheres brasileiras em termos do número de filhos, com especial atenção sobre aquelas de um único filho ou par de filhos, que se afiguram a prole futura para a maioria das mulheres brasileiras fecundas.³ Deter-se particularmente sobre a reprodução por meio de um único filho remete às consequências demográficas, sociais e políticas de um comportamento que se espraia de forma crescente nas sociedades contemporâneas como resultado da liberdade individual de se escolher ter ou não filhos e, escolhendo tê-los, quantos e quando tê-los, a despeito das demandas sociais de se ter dois ou mais filhos.

Dados e metodologia

As proporções de mulheres segundo o número de filhos tidos, para o conjunto da população em idades reprodutivas, são provenientes das informações reportadas nos censos demográficos de 1940 a 2010, sendo os dados de 1991 considerados como uma aproximação de 1990. A ausência de informações que permitissem a desagregação do total de filhos tidos, de acordo com o número de filhos tidos pelas mulheres segundo seus grupos de idades, nos censos anteriores a 1970, restringe a análise aos dados dos censos demográficos de anos recentes.

Os resultados apresentados neste trabalho são derivados da técnica da Razão de Progressão da Parturição (MOULTRIE; ZABA, 2013), especialmente os que estabelecem as proporções de mulheres no menacme de acordo com o número de filhos tidos (proporções observadas e projetadas). A técnica da razão de progressão da parturição, com base nas informações sobre total de filhos tidos e filhos tidos nos últimos doze meses, segundo grupos de idades das mães

³ Sobre mulheres sem filho veja-se MOREIRA; FUSCO (2015; 2014); CAVENAGHI; ALVES (2013).

e ordem de parturição, permite calcular a distribuição da parturição e as razões de progressão da parturição das mulheres que concluíram a vida reprodutiva e derivar razões projetadas (das demais idades) de forma a se obter a distribuição de mulheres mais jovens segundo as parturições que elas são esperadas realizar quando atingirem o final da vida reprodutiva. Os autores apontam que as razões de progressão da parturição devam ser calculadas tendo como base dados censitários ou conjuntos de dados em que o número de mulheres em cada grupo de idade seja de pelo menos dez mil. Adicionalmente os autores sugerem não considerar na projeção das proporções as situações nas quais a fração da fecundidade de uma determinada parturição atingida pelo ponto médio do grupo etário for menor do que 30%, assim como advogam que se tenha com cautela aquelas situações nas quais tais valores sejam inferiores a 50%. Ademais, observam quando da interpretação dos resultados que razões de progressão da parturição com componentes projetados incluindo valores substantivos sejam considerados com restrição, uma vez que podem estar a refletir situação de momento que não venha a ocorrer no futuro.

As informações referentes às mulheres em idades reprodutivas são contabilizadas em termos de grupos quinquenais de idade e os resultados concentram-se sobre aquelas entre os 15 e 49 anos completos.

Resultados

Filhos Tidos

Os dados sobre o número de filhos tidos reportados nos censos demográficos de 1940 a 2010 pelas mulheres em idades reprodutivas, assim como as estimativas das taxas de fecundidade total referentes aos períodos em tela, estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Brasil – Distribuição percentual das mulheres em idades reprodutivas pelo número de filhos tidos e taxa de fecundidade total – 1940/2010

Anos	Sem Filho	Que tiveram filhos				TFT
		1 Filho	2 Filhos	3 Filhos	4 Filhos ou mais	
1940	43,5	16,8	15,6	13,1	54,5	6,16
1950	43,4	16,3	15,6	12,9	55,2	6,21
1960	42,1	15,8	17,0	14,0	53,2	6,28
1970	42,4	15,8	17,5	14,8	52,0	5,76
1980	41,7	20,9	21,5	16,2	41,4	4,35
1991	39,9	23,8	26,9	19,6	29,8	2,85
2000	36,0	28,1	31,3	20,1	20,6	2,38
2010	38,8	33,9	33,9	18,3	13,9	1,90

Fonte dos dados brutos: IBGE. Censo Demográfico, 1940/2010.

Para o conjunto de mulheres em idade reprodutiva, a trajetória mais marcante associada à variação temporal nos níveis de fecundidade é o declínio da proporção de mulheres a ter quatro ou mais filhos. Situação que nos anos até 1970 era característica de uma de cada duas mulheres fecundas, no ano de 1980 perde expressão, sendo igualada por aquelas que têm até dois filhos e, em 2010, torna-se condição de apenas uma em cada sete dessas mulheres, constituindo-se na menor fração das mulheres fecundas. Em contrapartida ao decréscimo das parturições de ordem quatro e superior, a proporção das mulheres fecundas que tiveram três filhos cresceu desde os anos de 1950, mas no último decênio experimentou ligeiro declínio.

Incremento de maior montante foi observado entre as que tiveram dois ou um único filho, números de filhos que a partir de 2000 passaram a constituir a fração dominante dos filhos tidos pelas mulheres brasileiras. Nessa porção de população, as mulheres com dois filhos superaram as com filho único, igualando-se em 2010.

Em resumo, entre 1970 e 2010 reduz-se dramaticamente a parturição de quarta ordem ou superior, ampliando-se em proporção bastante inferior a parturição de ordem três, com recuo no último decênio, e cresce de forma continuada as mulheres fecundas com um ou dois filhos. A situação em 2010 identifica um ou dois filhos como o número de filhos realizados pelas mulheres fecundas, em iguais proporções, constituindo as mesmas mais de dois terços do total da parturição; a parturição de ordem três com pouco mais da metade dessas; e a de quarta ordem a menor de todas, com pouco mais de um sétimo da proporção dos filhos tidos.

A distribuição etária da parturição

No período censitário 1970/2010, os resultados da parturição por grupos de idades das mulheres fecundas, apresentados na Tabela 2, mostram que, para todas as mulheres, independente de idade, há queda sistemática na proporção daquelas que têm quatro filhos ou mais. A redução do peso da parturição de quarta ordem ou superior é tanto mais significativa quanto mais jovem o grupo etário. A queda do número de filhos tidos também é observada no que respeita ao nascimento de terceira ordem, para o qual declina a proporção de mulheres com menos de 30 anos que tiveram tal número de filhos ao longo de todo o período considerado. Para as mulheres de 30 anos essa diminuição só acontece a partir de 1991. Quanto ao grupo de mulheres a findar o período reprodutivo a proporção com três filhos é crescente, estabilizando-se no período 2000-2010, no que respeita às mulheres de 45-49 anos e declinante em termos bastante modestos entre as de 40-44 anos.

Uma das mais significativas transformações de comportamento, no sentido de redução da proporção de mulheres de parturição i, ocorreu entre a população de 15-19 anos, com significativas reduções nos percentuais de dois, três ou quatro filhos ou mais entre 1970-2010, proporções essas em escala crescente com o número de filhos tidos. Consolida-se nesse grupo inicial da reprodução o filho único.

Concentrando sobre o núcleo central da fecundidade, qual seja sobre as mulheres entre 20 e 34 anos, a redução na proporção de mulheres com quatro ou mais filhos, do início ao fim do período considerado, é crescente com a idade, em um movimento em que ao maior percentual é encontrado entre as mulheres de 30-34 anos (12,1%) em flagrante contraste com aquele dos anos de 1970 (58,4%). No espaço de 40 anos é também observada uma diminuição na proporção da parturição três entre as mulheres de 20 anos, com a exceção do discreto aumento no grupo 25-29 anos entre 1970 e 1980. Entre as mulheres de 30-34 anos a proporção é crescente até 1991 e declinante a partir de então. Resulta de tais movimentos que as parturições de ordem dois tendem a aumentar nesses três grupos de idade, mas declinam entre 2000 e 2010 em todos eles, tendo sido observada uma estabilização no grupo 25-29 entre 1991 e 2000 e que no grupo 20-24 a queda já ocorre a partir de 1991. Quanto ao filho único é crescente a proporção em todos os grupos de idades desse segmento e tanto maior quanto mais velho o grupo.

A trajetória do grupo 35-39 anos em muito se assemelha a uma situação intermediária à do grupo 30-34 e 40-44 anos, identificando-se mais à desse último.

Tabela 2 – Brasil - Parturição por grupos de idades das mulheres em idade reprodutiva e das que tiveram filhos (em percentagem) – 1970/2010.

Ano	Idade	Mulheres em idade reprodutiva					Idade	Mulheres em idade reprodutiva				
		Sem Filho	Mulheres que tiveram filho					% Sem Filho	Mulheres que tiveram filho			
			1	2	3	4 ou +			1	2	3	4 ou +
1970	15 a 19 anos	92,1	64,8	24,8	7,1	3,3	35 a 39 anos	12,0	7,8	12,6	13,0	66,7
1980		89,9	71,8	21,5	4,9	1,9		11,0	9,0	16,6	16,9	57,6
1991		87,6	77,5	18,2	3,4	0,9		11,1	11,8	26,0	24,4	37,8
2000		85,2	78,7	17,6	3,1	0,7		12,6	17,3	34,7	24,0	23,9
2010		88,2	83,6	14,0	2,0	0,4		16,1	25,4	37,9	21,1	15,6
1970	20 a 24 anos	55,8	34,8	29,5	18,2	17,5	40 a 44 anos	11,7	7,9	11,7	11,6	68,8
1980		53,9	44,9	30,4	14,7	10,0		9,9	7,8	13,5	14,1	64,7
1991		52,9	52,1	30,0	11,8	6,0		9,8	9,6	20,8	21,6	48,0
2000		52,7	55,3	28,9	11,2	4,6		10,4	13,0	30,2	25,2	31,6
2010		60,7	63,9	25,4	7,9	2,7		13,4	19,9	37,6	23,0	19,5
1970	25 a 29 anos	26,7	17,0	22,1	19,4	41,6	45 a 49 Anos	11,8	8,3	11,2	10,8	69,8
1980		26,9	25,8	29,0	19,6	25,7		9,8	7,7	12,4	12,6	67,3
1991		29,0	31,4	33,7	19,0	15,9		9,6	8,5	16,8	17,6	57,1
2000		30,8	38,0	33,8	17,2	11,1		9,8	11,0	25,3	24,2	39,5
2010		39,9	47,6	31,2	13,7	7,4		12,4	16,5	35,5	24,3	23,7
1970	30 a 34 anos	15,7	9,9	15,9	15,8	58,4	15 a 49 anos	42,4	15,8	17,5	14,8	52,0
1980		15,6	14,1	23,1	19,9	42,9		40,7	20,8	21,5	16,2	41,4
1991		16,2	18,1	31,2	23,6	27,1		36,5	23,8	26,9	19,6	29,8
2000		18,1	25,1	36,0	21,3	17,5		36,3	28,1	31,3	20,1	20,6
2010		24,0	34,5	35,3	18,1	12,1		38,8	33,9	33,9	18,3	13,9

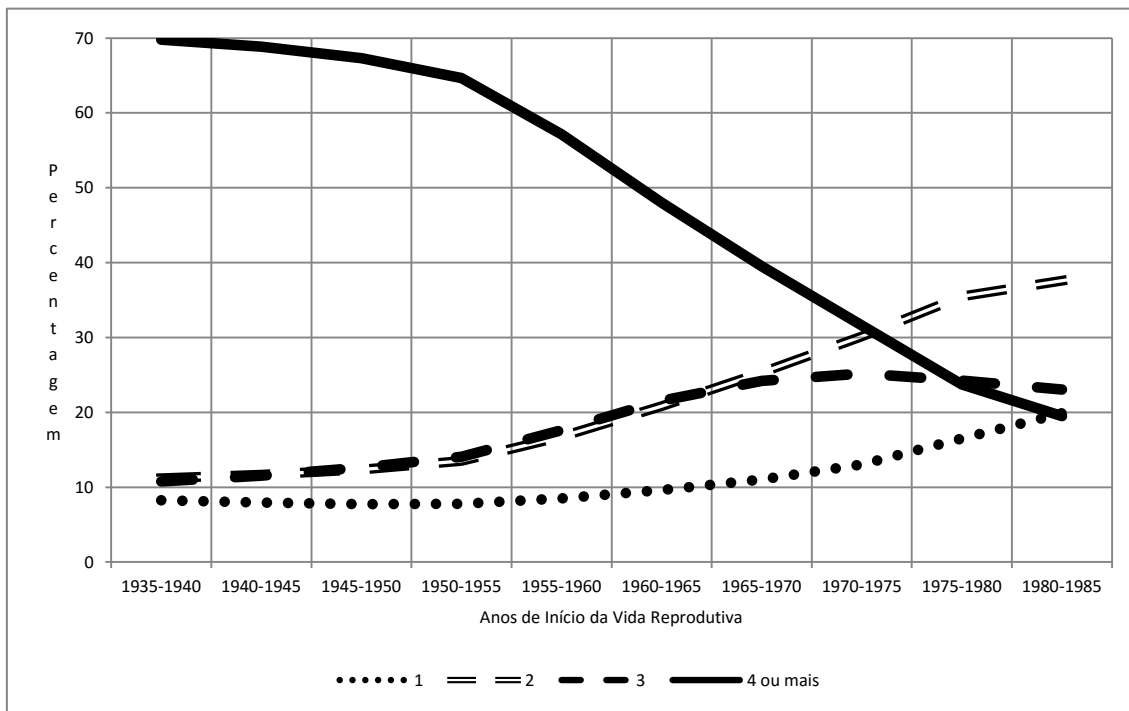
Fonte dos dados Brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010.

Os grupos 40-44 anos e 45-49 anos podem ser considerados como *proxy* para a definitiva realização da procriação por parte das mulheres em idades reprodutivas. Os resultados dos sucessivos censos demográficos mostram que há uma notável semelhança entre os percentuais de mulheres de uma determinada parturição nestas duas faixas de idade, assim como as trajetórias das mesmas ao longo do tempo. Nessa porção final do período reprodutivo ocorre perda de expressão ao longo do tempo das parturições elevadas (quatro filhos ou mais) e crescimento nas demais, exceto entre 2000 e 2010, quando se reduz de forma pouco significativa a proporção da parturição de ordem três, entre a população de 40-44 anos, e mantém-se estável no interstício quanto à população de 45-49 anos. Em relação à parturição dois, há similitude de trajetórias com ampla semelhança por ocasião dos censos de datas extremas. E, em relação às com um único filho, a população de 40-44 anos apresenta uma trajetória temporal ascendente mais acentuada do que a de 45-49 anos. Entre as mulheres fecundas de 40 anos, no quarentênio, na trajetória ascendente da proporção das com dois filhos, ela se torna a mais alta a partir de 2000, a sugerir que venha a ser essa a situação no futuro próximo, principalmente em razão da velocidade em que a mesma se dá (em torno de seis pontos percentuais por década aos quarenta anos). Entre elas, também, três filhos representam uma fração significativa dos filhos tidos pelas mesmas no grupo 45-49 anos

quatro filhos ou mais ainda é uma proporção expressiva, praticamente igual á de três filhos, mas em queda em relação ao censo anterior em percentuais consideráveis.

No Gráfico 1 estão representadas as trajetórias das parturições das mulheres fecundas de 40-44 e 45-49 anos entre 1970 e 2010, considerando os anos em que as mesmas iniciaram a vida reprodutiva.

Gráfico 1 – Brasil - Parturição das mulheres fecundas de 40–44 anos e 45-49 anos (em percentagem) por anos de início da vida reprodutiva – 1935-1940 – 1980-1985.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010.

Em síntese, uma análise das informações relativas à parturição sugere um amplo movimento em direção a um ou dois filhos para uma fração significativa das mulheres brasileiras ao longo do período 1970-2010, principalmente quando se tem em conta a trajetória vivenciada pela porção maior da fecundidade brasileira que é a das mulheres de 20-34 anos. Nesse grupo etário chama a atenção o comportamento das mulheres de 30-34 anos ao longo do tempo. Entre as mulheres de 20-34 anos, as de 30-34 são as que aumentaram em maior percentual a proporção de sem filho, em valores ligeiramente superiores àqueles das mulheres de 25-29 anos. Em termos relativos, entre as que tiveram filhos, mais do triplicou a fração das com um único filho e também mais do que dobrou o percentual daquelas com dois filhos, mesmo tendo sido observada uma pequena redução entre 2000 e 2010 entre essas últimas. Ademais, em termos de trajetórias segundo grupos de idade, em sendo razoável considerar o grupo de 40-44 anos juntamente com o de 45-49 anos como representativos da fecundidade completa, as evidências também apontam para uma trajetória temporal na qual a combinação de um ou dois filhos tende a ampliar a importância no total de filhos tidos por essas mulheres, em uma situação de estabilização da proporção dos três filhos pelas gerações nascidas pós 1950.

O par, o trio e o filho único, nessa ordem, afiguram-se como a fecundidade realizada pelas mulheres brasileiras, havendo que se notar a primazia dos dois filhos e o significativo

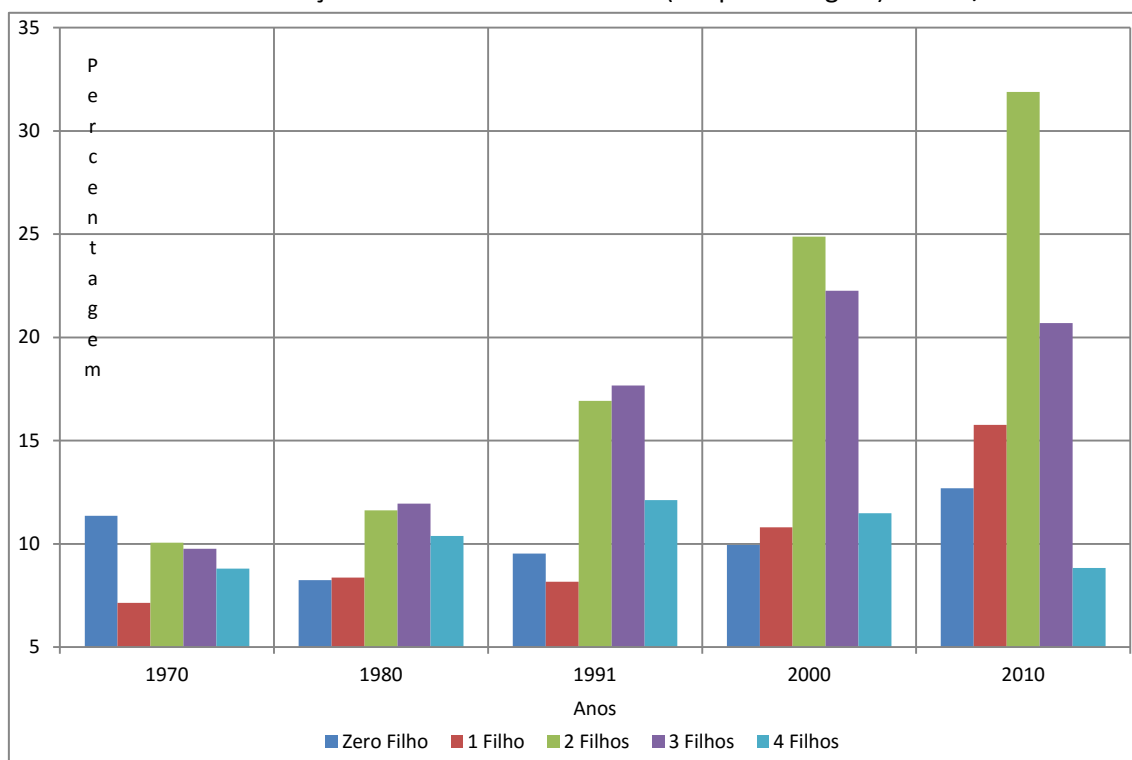
crescimento do filho único entre 2000 e 2010, a sugerir uma trajetória na qual o casal de filhos ou o filho único serão a escolha da maioria das mulheres brasileiras que vierem a ter filhos.

A evolução temporal

A trajetória da redução do número de filhos tidos pelas mulheres brasileiras, fruto das transformações no imbricado de valores, saberes, atitudes e comportamentos, já era apontada de maneira transparente desde o início do processo de queda sistemática e generalizada dos níveis de fecundidade nacional, conforme se pode observar nos dados do Gráfico 2.

A evolução do número de filhos tidos pelas mulheres que já completaram a vida reprodutiva ou estavam em vias de completá-la ao longo das datas censitárias mostra que já nos anos de 1970, quando mais da metade das mulheres brasileiras que tiveram filhos tinham quatro ou mais filhos (vide Tabela 2), a proporção daquelas que chegavam ao fim da vida reprodutiva com dois filhos em muito se assemelhava às com três filhos e um pouco acima das com quatro filhos. O filho único era uma fração muito pouco expressiva da opção reprodutiva das mulheres brasileiras nos anos de 1970, inferior inclusive à das mulheres que chegaram ao fim das idades reprodutivas sem descendência.

Gráfico 2 – Brasil - Parturição das mulheres de 40 anos (em percentagem) – 1970/2010.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010.

Nos anos de 1980, entre as mulheres que completaram a vida reprodutiva, continua o histórico declínio na proporção de sem filhos e, dentre aquelas que tiveram até quatro filhos a fração das que concluem o ciclo da maternidade com três filhos passa a ser a mais elevada. Simultaneamente incrementam as frações com quatro e dois filhos e a proporção com um único filho suplanta as sem filho.

Os anos de 1991 mostram uma significativa mudança no comportamento reprodutivo das mulheres de 40 anos: a partir desta geração passa a aumentar a fração daquelas que atingem

o fim do ciclo reprodutivo sem gerar descendentes. Adicionalmente mostram expressivos aumentos nas proporções daquelas que concluíram a reprodução com dois ou três filhos e uma menor variação daquelas com quatro filhos, que em muito se afastam daquelas com par ou tríade filial. Essa trajetória da preponderância de dois ou três filhos consagra-se entre as mulheres de quarenta anos, sendo que nos anos de 2000 o casal supera o trio de filhos que, em 2010, declina tanto em razão da maior preferência pelos dois filhos como pelo crescimento do filho único e do sem filho. Em 2010, quatro filhos ao fim da vida reprodutiva apresenta o mesmo percentual de 1970, enquanto o par de filhos é o triplo e o filho único e a tríade o dobro.

Entre os mais significativos avanços sociais ocorridos na sociedade brasileira nos últimos tempos, a ampliação dos níveis educacionais afigura-se na ponta do empoderamento das mulheres brasileiras. Mais elevados níveis educacionais significam, entre outras conquistas, uma maior consciência de gênero, ampliação das oportunidades e liberdades de escolha e soberania em decisões sobre eventos que afetam a autonomia feminina, em especial a inserção laboral, a conjugalidade e a maternidade.⁴

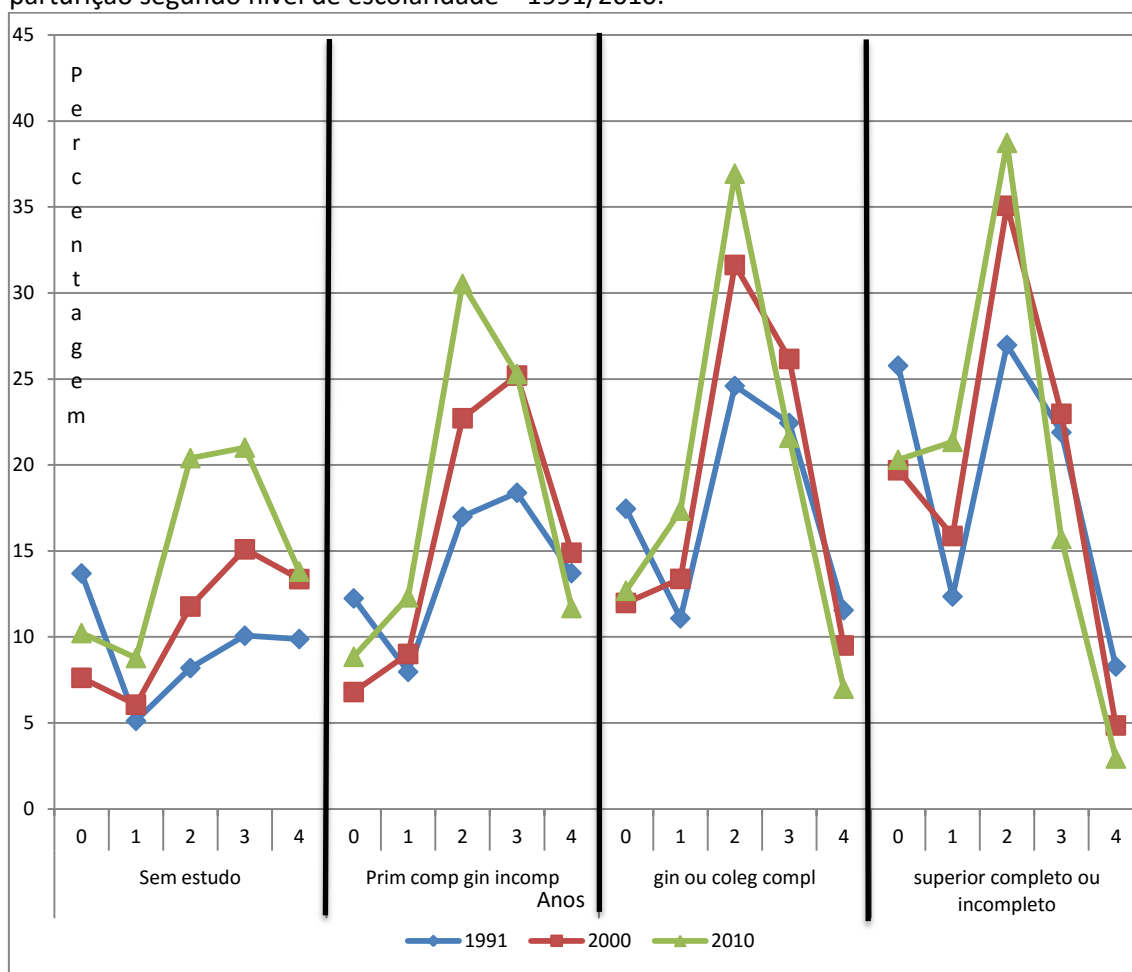
No Brasil, os avanços femininos no campo da educação se deram em uma dimensão tal que nos dias atuais seus “níveis educacionais ultrapassam os dos homens até nas faixas de renda inferiores” (TAVARES, 2011).⁵

No Gráfico 3 são apresentadas as distribuições das proporções das mulheres que já completaram o ciclo da reprodução segundo o número de filhos tidos por nível de escolaridade das mesmas no período 1991/2010.

⁴ Sobre o empoderamento feminino veja-se, por exemplo, BARSTED; PITANGUY (2011); ONU MULHERES (2016).

⁵ Sobre a evolução da educação feminina veja-se, entre outros, ROSEMBERG; MADSEN (2011); BELTRÃO, DINIZ (2009); FIGOLI (2006).

Gráfico 3 – Brasil – Proporção de mulheres de 45-49 anos (em percentagem) por ordem da parturição segundo nível de escolaridade – 1991/2010.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1991/2010.

Uma dimensão de quão menos as populações mais vulneráveis se beneficiam de eventuais condições transformadoras de suas vidas é visualizada nas diferenças temporais das mudanças comportamentais quanto ao número de filhos. Assim, o padrão de reprodução das mulheres sem estudo, em 2010, em muito se assemelha ao das mulheres com primário completo ou ginásial incompleto vinte anos atrás. Observe-se que entre as mulheres sem estudo as mudanças no padrão reprodutivo só são significativas em 2010, ao contrário dos demais grupos nos quais as modificações remontam aos decênios anteriores. Por outro lado, as mulheres que pelo menos completaram o primário apresentam padrões de reprodução em 2010 que se aproximam ao daquelas em situação imediatamente superior (ginásial ou colegial completo) em 2000. O mesmo se pode dizer quanto a essas em relação àquelas que ingressaram no curso superior.

Considere-se que, em 2010, entre todas aquelas mulheres que tiveram acesso ao sistema educacional, a primazia da maternidade assenta-se sobre o par de filhos e que completar a vida reprodutiva tendo três filhos distancia-se em ter dois filhos à medida que eleva o nível da escolaridade materna, ao mesmo tempo em que aumenta a proporção daquelas com filho único e as que não geram descendência. As mulheres sem estudo, por outro lado, são aquelas que ainda completaram o período reprodutivo tendo três filhos, mas em proporções muito similares às com dois filhos, apenas em 2010, porquanto em 1991, quatro ou três filhos eram

dominantes na conclusão de suas vidas reprodutivas. Visto em relação ao decênio anterior, entre todas elas, 2010 apontou por um aumento das proporções de filho único e par de filhos. Entre 2000 e 2010 também houve aumento na proporção de sem filho entre as que obtiveram no máximo o ginásio incompleto, permanecendo estável entre aquelas com níveis escolares superiores a esse.

Ao longo de três decênios, as maiores transformações no padrão de reprodução das mulheres ao fim da vida reprodutiva em direção a um menor número de filhos só ocorrem para os dois primeiros grupos educacionais na passagem de 2000 para 2010, enquanto para aquelas de mais altos níveis de escolaridade as mudanças já se mostravam perceptíveis anteriormente.

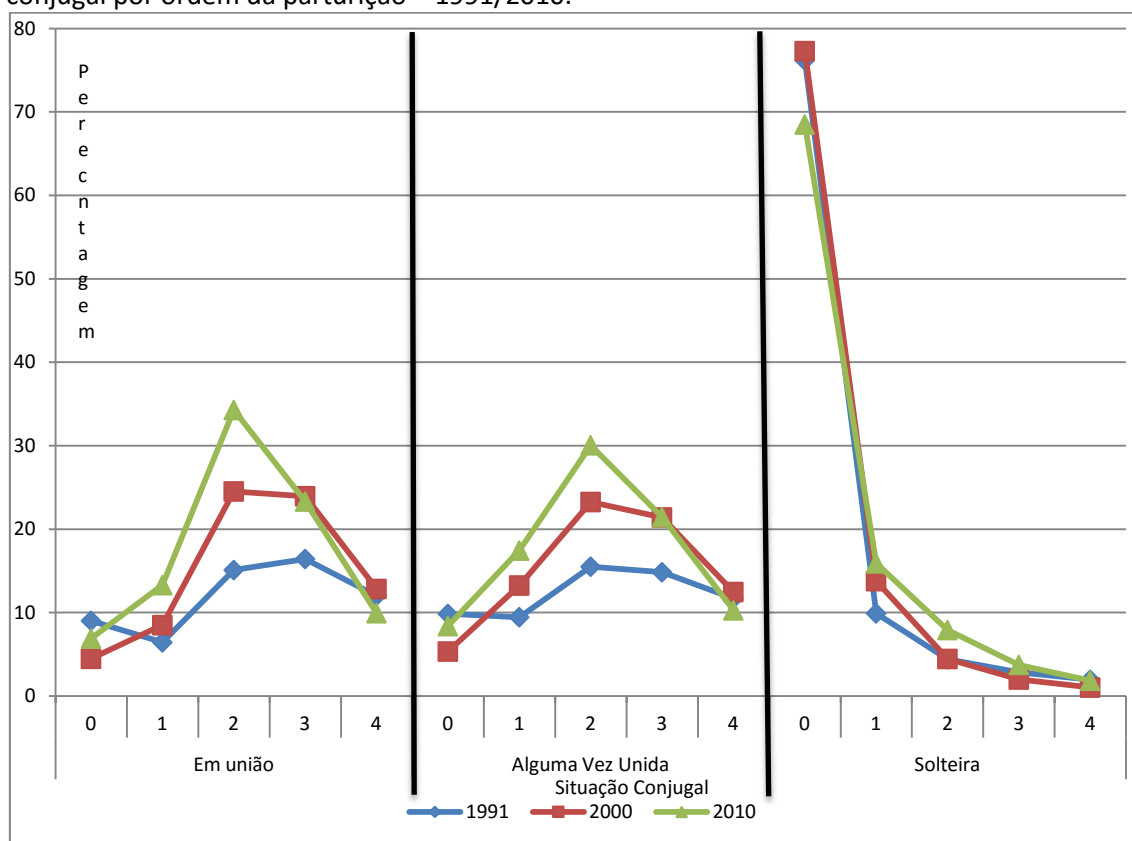
Ampliação na idade do matrimônio, mudanças nos padrões de formação da família, incremento em distintas formas de coabitação, aumento das uniões homoafetivas, crescimento na dissolução e reconstituição das uniões, redução no tamanho da família são mudanças ocorridas nos últimos decênios e que repercutem de forma significativa sobre os níveis e padrões reprodutivos de acordo com a situação conjugal feminina.⁶

No Gráfico 4 são apresentadas as distribuições das proporções das mulheres que já completaram o ciclo da reprodução segundo o número de filhos tidos pela situação conjugal das mesmas no período 1991/2010.

Em um contexto que se afigura como de maior reconhecimento social da autodeterminação e independência feminina e em que, aparentemente, há maior aceitação de mulheres que têm filho sem se casarem, apenas as gerações que completaram a vida reprodutiva nas datas censitárias recentes incorporam essas mudanças na sociedade brasileira. Assim, tais mudanças só se tornam mais visíveis entre as mulheres recenseadas em 2010 como solteiras (aquelas nascidas no período 1960-1965 e que iniciaram a vida reprodutiva em 1975-1980), porquanto tanto entre as recenseadas em 1991 quanto as em 2000, 77% das mesmas não tinham filho. Essas solteiras, na esteira da redução da proporção de sem filho entre 2000 e 2010, experimentaram incremento no percentual das que tiveram pelo menos um filho – um incremento de dois pontos percentuais pelas com um único filho e mais de três pontos percentuais daquelas com dois filhos.

⁶ Veja-se, entre outros, TOMÁS (2013); MEYER et al. (2012); BARROS, WONG (2012); RIBEIRO (2010); MALUF (2010); CAMARANO; KANSO (2009); HIRONAKA (2006); BILAC (2004); OLIVEIRA (1996); GOLDANI (1993, 1994).

Gráfico 4 – Brasil – Proporção de mulheres de 45-49 anos (em percentagem) segundo situação conjugal por ordem da parturição – 1991/2010.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1991/2010.

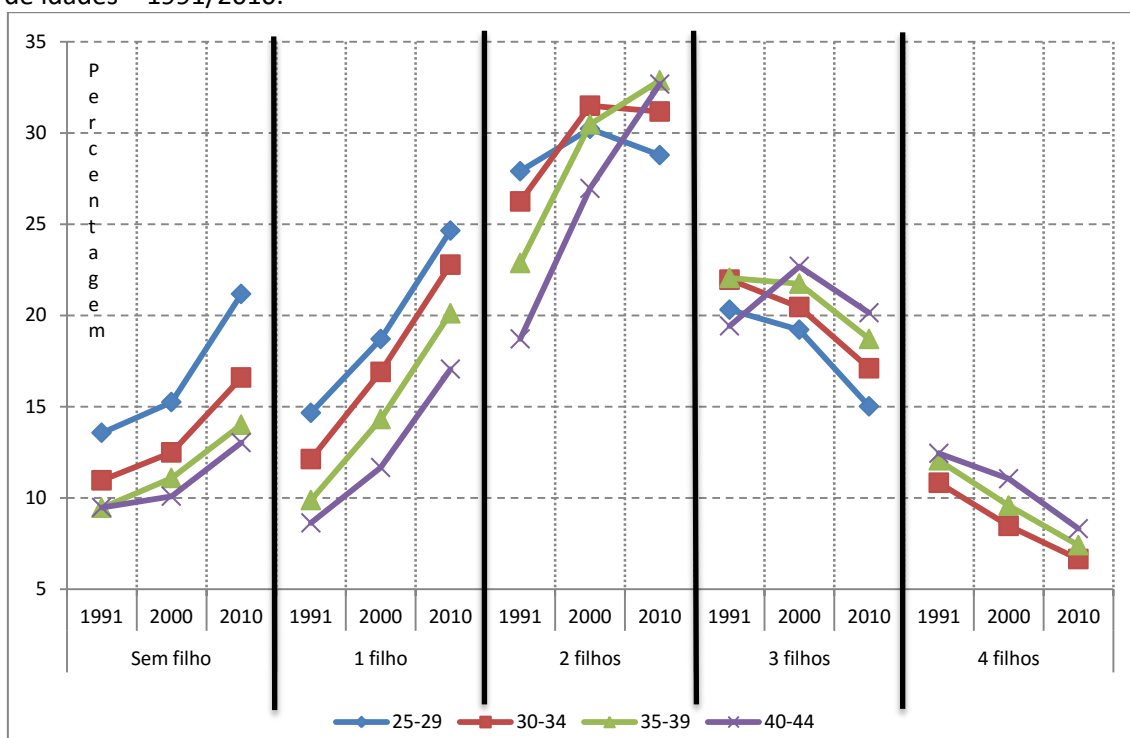
Quando consideradas as situações das mulheres em união e das alguma vez unidas, as diferenças dos padrões de reprodução entre as mesmas são sutis, particularmente quando se tem em conta as proporções de mulheres sem filho e com um único filho. Em todos os censos, para tais parturições, maiores proporções são encontradas entre as alguma vez unidas e as diferenças são mais expressivas na parturição de ordem um do que na de ordem zero. Quando considerada a parturição de ordem dois, as diferenças entre os dois grupos amplia-se de forma notável e muda ao longo do tempo. Em 1991 a proporção de mulheres alguma vez unidas com parturição de segunda ordem supera aquela das mulheres em união. A partir de 2000 a situação inverte-se, ocorrendo maior proporção de mulheres em união na parturição de ordem dois, ampliando-se a diferença em 2010. Em parturições de ordem superior as distinções são menos expressivas e de mesmo sentido no tempo – proporções de mulheres unidas de parturição dois ou três são maiores do que as alguma vez unidas, com exceção da geração que completa a fecundidade em 2010, para a qual as mulheres alguma vez unidas se apresentam em maior percentual.

Em síntese, ao longo dos decênios, as diferenças dos padrões de reprodução das mulheres que completaram a fecundidade, unidas ou alguma vez unidas, não são de monta, exceto no que respeita à parturição de segunda ordem, para a qual as mulheres em união se apresentam em maior proporção do que as alguma vez unidas. Para elas o que se observa é o primado da parturição de ordem dois tanto entre as recenseadas em 2000 quanto em 2010, mas diferente em 1991, pois a parturição de ordem três era dominante entre as mulheres em união.

A desagregação do comportamento reprodutivo segundo grupos de idades, mensurado pelas proporções projetadas do número de filhos que as mulheres virão a ter ao fim de seu período reprodutivo, é apresentada no Gráfico 5 para o período 1970/2010.

Considere-se que esses dados diferem daqueles apresentados na Tabela 2 pelo fato de os mesmos terem sido devidamente corrigidos, e assim considerados como dados projetados, pelo procedimento de cálculo da razão de progressão da parturição pela fecundidade recente, mensurada por meio dos nascimentos ocorridos no período de um ano anterior à data do censo.

Gráfico 5 – Brasil – Proporção de mulheres (projetada) por número de filhos segundo grupos de idades – 1991/2010.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos, 1991/2010.

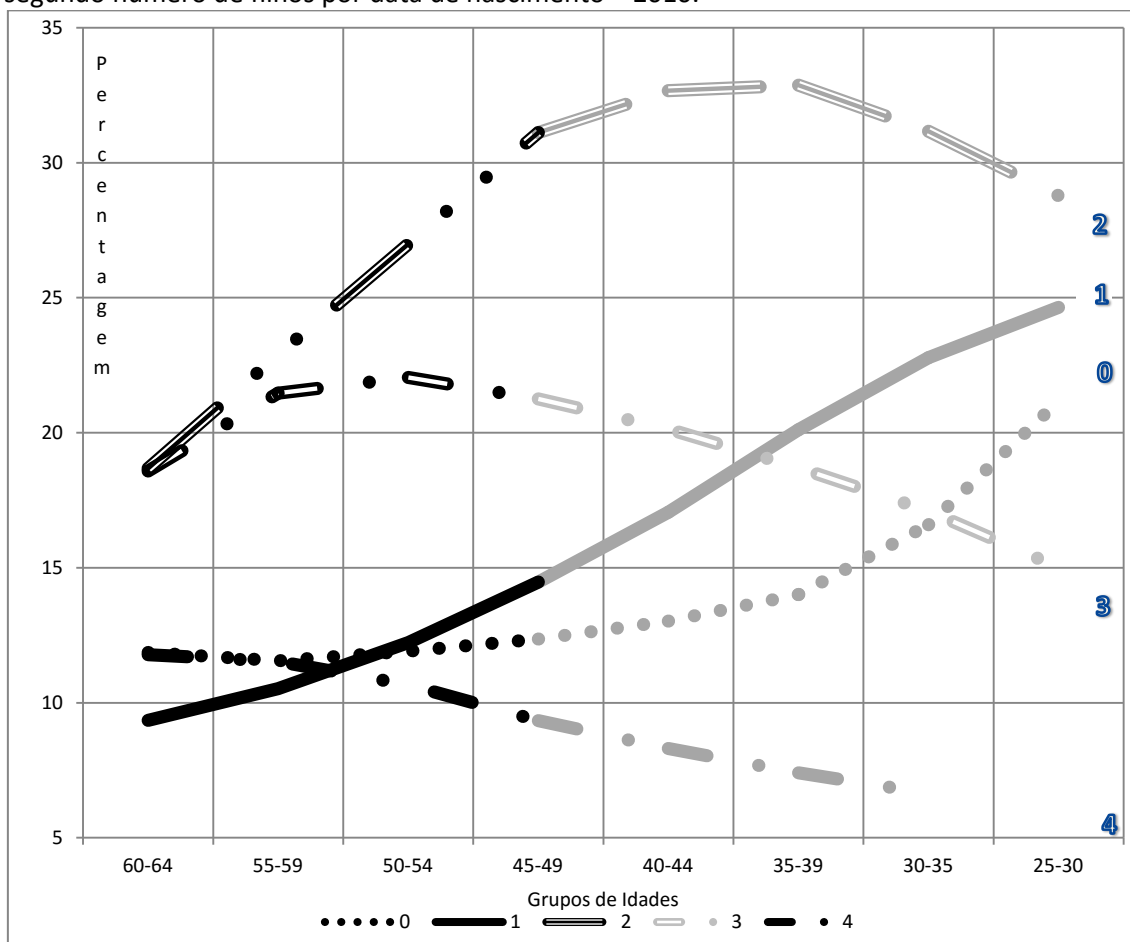
Enquanto projeções, os dados apresentados no Gráfico 5 mostram o crescimento sistemático da proporção de mulheres sem filho e com um único filho, para todos os grupos de idades ao longo do tempo. Essas parturições, em flagrante contraste com o que ocorre em relação aos três e quatro filhos, com exceção do ano de 1991 para a população de 40-44 anos, experimentam uma expressiva diminuição. Dois filhos apontam claramente ser número de filhos em transição, porquanto é declinante para a fração mais jovem do intervalo reprodutivo no último decênio, assim como abaixo da década anterior no grupo 30-34 anos, e em desaceleração para o grupo 35-39 anos, em contraste com a trajetória ascendente do segmento mais velho. Interessante observar que a proporção projetada de mulheres de 40-44 anos que ao fim da vida reprodutiva terão dois filhos é a muito similar à de mulheres de 35-39 anos a sugerir que as mulheres que completarem suas vidas reprodutivas com dois filhos terão encerrado sua reprodução antes de completar os 35 anos.

Período Recente

Os níveis da fecundidade corrente, junto com a parturição observada, prenunciam a trajetória futura da reprodução das mulheres brasileiras cujo comportamento tende a se identificar, com maior probabilidade, com a trajetória apontada pelo movimento ainda em curso. Nesse sentido, os resultados do recenseamento de 2010 constituem indicativo do futuro próximo, em especial se suportado pelas evidências dos censos anteriores.

Os níveis de fecundidade por grupos etários contabilizados com base nas informações do Censo Demográfico 2010 resultam do comportamento reprodutivo de mulheres nascidas pós-1960 e que adentraram a vida reprodutiva pós-1975. Portanto, refletem a trajetória reprodutiva das mesmas em um período de intensa e generalizada queda dos níveis de fecundidade nacional. Se de um lado o comportamento observado entre as mulheres de 40 anos é o resultado dos momentos iniciais da queda da fecundidade no Brasil, aquele das mulheres de 20 anos guarda estreita relação com os tempos de intensa redução e sinalizam com maior qualidade a direção futura dos níveis de reprodução no país.

Gráfico 6 – Brasil – Proporção observada e projetada de mulheres em idade reprodutiva segundo número de filhos por data de nascimento – 2010.



Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográfico, 2010.

Nota: Linha em negrito corresponde a dados observados; esmaecida a projetados.

Por meio da técnica da Razão de Progressão da Parturição (MOULTRIE; ZABA, op. cit.) é possível identificar a trajetória observada (das mulheres de 45-49 anos e mais) e projetada (das mulheres com menos de 45 anos) quanto ao número de filhos tidos e a ter pelas mulheres

brasileiras. Com base na parturição e no número de filhos tidos no último ano, a trajetória observada da parturição por grupos de idades na data do recenseamento é corrigida e tomada como a projeção da proporção das mulheres do grupo etário que ao fim da vida reprodutiva atingirão determinada parturição.

No Gráfico 6 está apresentada a proporção observada (em negrito) e projetada (sombreada) das mulheres fecundas por grupos de idades segundo número de filhos observados e projetados terem ao final da vida reprodutiva.

Dois filhos desponta como a maior proporção projetada do número de filhos das mulheres brasileiras ao fim de suas vidas reprodutivas nos próximos anos, mas em uma tendência declinante. Filho único e sem filho, em contraste, apresentam movimento crescente, particularmente em relação a três filhos e quatro filhos cujas trajetórias são descendentes para todos os grupos de idades, sendo que vir a ter quatro filhos é projetado tornar-se raro no futuro próximo.

Conclusões

Há indicativos claros que o nível de fecundidade brasileira que em 2010 situou-se abaixo do nível de reposição não se cristalizará no mesmo, no curto prazo, e que se reduzirá ainda mais. A intensidade em que se dará tal movimento também ficará na dependência da consolidação do atual número ideal de filhos, abaixo dos atuais dois filhos como regra para fração expressiva da população brasileira. O aumento da proporção de mulheres sem filho, assim como as com um único filho, são sinais da manutenção da queda da fecundidade a níveis abaixo do atual. Esse movimento, de um lado, em razão do menor número de nascimentos, ampliará o tempo do bônus demográfico, mas por outro lado acelerará o envelhecimento da população brasileira ampliando a necessidade de implantação de políticas que tenham em conta a redução da taxa de crescimento populacional e simultaneamente as mudanças na estrutura etária da população brasileira.

Bibliografia

- AMARAL, Ernesto F. L.; POTTER, Joseph E. Políticas de población, programas gubernamentales y fecundidad: una comparación entre el Brasil y México. *Notas de Población*, Santiago de Chile, v. 35, n. 87, p. 7-33, 2009.
- BADIANI, Rita; CAMARANO, Ana Amélia. Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu. *Anais...* Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1998. p. 1-19.
- BARROS, Juliana Vasconcelos S.; WONG, Laura Lúcia R. Implementação das preferências reprodutivas no contexto de queda da fecundidade, segundo o tipo de união: um estudo para Brasil e México. V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Montevideo, Uruguay, de 23 a 26 de outubro de 2012.
- BARSTED, Leila L.; PITANGUY, Jacqueline (Org.). *O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: Cepia; Brasília, DF: ONU Mulheres, 2011.
- BELTRÃO, Kaizô I.; ALVES, José Eustáquio D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

- BILAC, Elisabete D. Plus ça change... *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 161-166, jan./jun. 2004.
- BEMFAM - Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil. *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde*. Relatório. Rio de Janeiro: BEMFAM, 1997.
- BERQUÓ, Elza. A família no século XXI: um enfoque demográfico. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 1989.
- _____.; LIMA, Liliam P. de. Intenções reprodutivas e planejamento da fecundidade. In: BERQUÓ, Elza; GARCIA, Sandra; LAGO, Tânia. (Coord.). *Relatório final: Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006*. São Paulo: CEBRAP, 2008.
- BONIFÁCIO, Gabriela M.; NEPOMUCENO, Marília R. O estudo da preferência reprodutiva entre homens e mulheres: diferenciais entre o número desejado de filhos e a parturição no contexto brasileiro. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, 5, 2012, Uruguay. *Anais...* Rio de Janeiro: Alap, 2012
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança*. Ministério da Saúde, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- CAMARANO, Ana Amélia. Fecundidade e anticoncepção da população de 15-19 anos. In: VIEIRA, Elizabeth M.; FERNANDES, Maria Eugênia L.; BAILEY, Patricia; McKAY, Arlene. (org.). *Seminário Gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família; 1998, p. 35-46.
- _____.; MELO, Juliana L.; KANSO, Solange. Famílias brasileiras: mudanças e continuidades. In: CASTRO, Jorge A.; RIBEIRO, José Aparecido C. *Situação social brasileira: 2007*. Brasília: Ipea, 2009.
- CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio D. Childlessness in Brazil: socioeconomic and regional diversity. In: *XXVII IUSSP International Population Conference, 2013, Bussan*. Proceedings of XXVII IUSSP International Population Conference. Paris: IUSSP, 2013. v. 1. p. 1-25.
- CECATTI, José Guilherme; GUERRA, Gláucia Virgínia L.; SOUSA, Maria Helena; MENEZES, Greice Maria. Aborto no Brasil: um enfoque demográfico. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 105-111, mar. 2010.
- COUTO, Márcia Thereza. Religiosidade, reprodução e saúde em famílias de pobres urbanos. *Interface-comunicação, saúde, educação*. Botucatu, v.5, n.8, p.27-44, fev. 2001.
- FIGOLI, Moema G. B. Evolução da educação no Brasil: uma análise das taxas entre 1970 e 2000 segundo o grau da última série concluída. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 129-150, jan./jun. 2006.
- GOLDANI, Ana Maria A. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 1, p. 67-110, 1993.
- _____. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 7-22, 1994.
- HIRONAKA, Giselda Maria F. N. A incessante travessia dos tempos e a renovação dos paradigmas: a família, seu status e seu enquadramento na pós-modernidade. *Revista da Faculdade de Direito*, São Paulo, v. 101, p. 153-167, 2006.
- MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; FERNANDES, Letícia P. Noções de família em políticas de “inclusão social” no Brasil contemporâneo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 433-449, 2012.

- MALUF, Adriana C. R. F. D. Novas modalidades de família na pós-modernidade. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MIRANDA-RIBEIRO, Paula; POTTER, Joseph E. Sobre “se perder”, “vacilar” e não encontrar o “homem certo”: mudanças ideacionais, instituições e a fecundidade abaixo do nível de reposição. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 227-231, jan./jun. 2010.
- MIRANDA-RIBEIRO, Adriana; GARCIA, Ricardo Alexandrino. Transições da fecundidade no Brasil: uma análise à luz dos diferenciais por escolaridade. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia. *Anais...* Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2012.
- MOREIRA, Morvan de M.; FUSCO, Wilson. Mulheres sem filho no Nordeste. In: XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Pedro – São Paulo, 2014.
- _____; _____. Mulheres sem filho no Brasil. In: XXX Congresso ALAS Costa Rica 2015, San José – Costa Rica, 2015.
- MORELL, Maria Graciela G., SILVA, Rebeca de S. Anticoncepção e preferências reprodutivas, São Paulo, 1986-1996. In: XXIV General Population Conference, Brazilian Demography, 2001, Salvador-BA. *Anais da XXIV General Population Conference, Brazilian Demography, 2001.*
- MOULTRIE, Tom A.; ZABA, Basia. Parity progression ratios. In: MOULTRIE, Tom A., DORRINGTON, Rob; HILL, Allan G.; HILL, Kenneth; TIMÆUS, Iam M.; ZABA, Basia. (eds). *Tools for Demographic Estimation*. Paris: International Union for the Scientific Study of Population, 2013, chap. 8, p.69-81.
- OLIVEIRA, Maria Coleta. A família brasileira no limiar do ano 2000. *Estudos Feministas*, v. 4, n.1, p. 55-63, 1996
- ONU MULHERES. *Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social – Brasília: ONU Mulheres - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, 2016.*
- PIROTA, Kátia Cibelle M.; SCHOR, Néia. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Revista de Saúde Pública*, v. 38, n.4, p.495-502, ago. 2004.
- RIBEIRO, Ednaldo A. Mudança de valores e tolerância entre os brasileiros. *Mediações*, v. 15, n. 1, p. 220-240, 2010.
- ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila L.; PITANGUY, Jacqueline (Org.). *O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: Cepia; Brasília, DF: ONU Mulheres, 2011. p. 390-434.
- TAVARES, Rebecca R. Igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. IN: BARSTED, Leila L.; PITANGUY, Jacqueline (Org.). *O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: Cepia; Brasília, DF: ONU Mulheres, 2011. p. 7-13.
- TOMÁS, Maria Carolina. Revendo estudos sobre famílias: um breve comentário sobre tópicos selecionados. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 171-198, jan.-jun, 2013.
- UNITED NATIONS. *World Population Prospects: The 2012 Revision*. Department of Economic and Social Affairs, Population Division, New York, 2013.

WONG, Laura L. R. Apontamentos sobre a tendência da fecundidade no médio prazo considerando as preferências reprodutivas – Brasil/96. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu. *Anais...* Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1998, p. 2973-2995.